

## **O Fechamento da Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo, Rio Grande do Sul (1947-1997) nas páginas dos jornais Diário da Manhã e O Nacional: a nostalgia da chaminé como efeito da desindustrialização<sup>1</sup>**

**Jênifer de Brum Palmeiras<sup>2</sup>**  
**Graciela de Brum Palmeiras<sup>3</sup>**

A trajetória da Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo já foi abordada em diversas publicações, seja em textos jornalísticos, em produções acerca das comemorações de momentos históricos da cidade ou mesmo em pesquisas acadêmicas sobre a economia, a urbanização e o patrimônio histórico da cidade. Todos os estudos expõem, em alguns aspectos, momentos contraditórios desse percurso, como o fato de “que a decadência da fábrica foi consequência do crescimento urbano do município”. Contudo, é paradoxal que o desenvolvimento de uma cidade, enfatizando a sua expansão geográfica urbana, tenha sido o ponto de partida para o fechamento de uma indústria, pois um dos objetivos do planejamento urbano é colaborar para que as indústrias sejam expandidas<sup>4</sup>, melhorando circunstancialmente o desenvolvimento da cidade.

Assim sendo, foi por esse motivo que a fábrica fechou? Afinal, uma indústria com trezentos funcionários poderia funcionar efetivamente no centro da cidade? O nosso objetivo neste texto é responder a essas perguntas, descrevendo sucintamente o processo de instalação, operação e fechamento da Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, entre os anos de 1947 e 1997. Além disso, abordamos o papel da empresa através da percepção de ex-funcionários, destacando o que afetou diretamente a vida desses trabalhadores dentro da comunidade onde residem, e apresentamos, ainda, pelo viés da nostalgia do ex-funcionário, a desindustrialização ocorrida após o fechamento da Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo, em 1997, relacionado-a ao desenvolvimento da cidade.

---

<sup>1</sup> O texto faz parte da tese de Doutorado em História (em construção) que versa sobre a Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo (RS) e seu impacto econômico e político a partir da percepção dos ex-trabalhadores (1947-1997).

<sup>2</sup> Doutoranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Brasil.

<sup>3</sup> Doutora, Mestre em Envelhecimento Humano. Docente da Universidade de Passo Fundo, Brasil.

<sup>4</sup> Enfatizado nos textos de Knack: Industrialização e Urbanização no centenário de Passo Fundo/RS – 1957 (2016) e O discurso da industrialização, a urbanização e o imaginário progressista em Passo Fundo entre 1950 e 1980 (2021, p. 69-94).

Ao investigarmos a desindustrialização, fazemos uso da metáfora da nostalgia da chaminé, que busca invocar a perda, resgatar o passado e trazer à memória o quanto foi significativo o trabalho na indústria para si e para a comunidade em que estava inserido. Este não esquecimento resulta da necessidade de manter viva a empresa fisicamente, construindo um marco para que todos vejam que ela ali existiu.

Fora do campo econômico e político, um campo interdisciplinar de pesquisa, chamado de “estudos de desindustrialização”, se enraizou. Fundamentalmente, a desindustrialização é um processo de ruína física e social, bem como parte de um projeto político mais amplo que deixa as comunidades da classe trabalhadora empobrecidas e desmoralizadas. O esquecimento forçado é parte integrante desse processo, posto que à medida que moinhos e fábricas são demolidos, instituições da classe trabalhadora são desestruturadas e áreas são recontextualizadas como algo novo.

A maioria dos pesquisadores que trabalham esse tema vêm de comunidades desindustrializadas. Muitos parecem ser filhos e netos de trabalhadores deslocados, mais uma manifestação da meia-vida da desindustrialização. Por essa razão, talvez, o campo se baseie principalmente na história oral, a fim de recuperar a vivência da perda do emprego e verificar como essa mudança estrutural se espalha pela vida de indivíduos, famílias e comunidades. Essas conexões pessoais ajudam a explicar a necessidade dos pesquisadores de testemunhar o processo de desindustrialização e torná-lo visível para os outros.

Em nossas investigações iniciais<sup>5</sup>, o caso da Cia. Brahma no Norte do Rio Grande do Sul está inserido no contexto inaugurado pela globalização do capital e que culmina na desorganização do trabalho urbano-industrial testemunhado desde o século XIX. Nesse sentido, a nostalgia da chaminé faz parte das experiências que aconteceram em outros países da América e da Europa, em contextos semelhantes, embora muitos pesquisadores tragam a nostalgia do mundo social, do capitalismo industrial e do pós-guerra expressado de várias maneiras, a partir do desenvolvimento da “indústria de patrimônios” ao fenômeno da desindustrialização em publicações como os “Livros de Mesa” (CLARKE, 2015).

Aliás, existe uma prática de romantizar o trabalho industrial: através da publicação de livros com imagens da estrutura física de fábricas abandonadas, e não de trabalhadores,

---

<sup>5</sup> O texto faz parte da tese de Doutorado em História (em construção 2019-2022) que versa sobre a Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo (RS) e seu impacto econômico e político (1947-1997).

como forma de descrever o trabalho realizado dentro da fábrica que os inseriu em suas comunidades, e como eles viveram após a desindustrialização (STRANGLEMAN, 2013; HIGH, DAVID, 2007). Os autores chamam a atenção para o fato de que essas publicações fazem sucesso porque há um público que as consome, e são os ex-funcionários que buscam perpetuar os momentos de trabalho vividos. A partir disso, buscamos compreender, por meio da percepção dos ex-funcionários, se a nostalgia da chaminé como efeito da desindustrialização expõe a precariedade do trabalho orientado aos interesses do mercado em detrimento das condições laborais.

Além das entrevistas com os ex-funcionários da Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo (RS), apresentamos dados coletados com base na pesquisa documental efetuada em jornais e demais publicações encontradas no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo, Instituto Histórico de Passo Fundo e Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

### **Quando tudo começou....**

Em 1947, a Cia. Cervejaria Brahma, com sede no Rio de Janeiro (RJ), adquiriu a Cervejaria Serrana em Passo Fundo<sup>6</sup>, transformando-a em Cia. Cervejaria Brahma, filial de Passo Fundo (RS). Conforme descrito na solicitação de averbação do imóvel em que se encontrava a fábrica:

COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA, Sociedade Anonima Brasileira, com sede no Rio de Janeiro à rua Marques de Sapucaí 200, e Filial nesta cidade à Avenida General Neto, 174, por seu gerente e procurador abaixo assinados, tendo adquirido todas as quotas de Capital da extinta CERVEJARIA SERRANA LIMITADA, sucessora de BARBIEUX & CIA., por sua vez sucessora de BADE, BARBIEUX & CIA., conforme atesta com a inclusa fotocópia n. 010937 de certidão passada na Junta Comercial do Rio Grande do Sul, vem mui respeitosamente, solicitar a Va. Excia. Se digne mandar proceder averbação na Escritura Publica n. 2720, anexa ao presente, da circunstancia de que o imóvel constante da mesma passa a pertencer à suplicante, designada COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA, FILIAL PASSO FUNDO/RS<sup>7</sup>.

Embora a tramitação burocrática tenha se estendido, a comunicação da compra da fábrica foi publicada em 3 de julho de 1947 nos periódicos locais *Diário da Manhã* e *O Nacional*.

---

<sup>6</sup> Processo do Pedido de Averbação da Escritura Pública n. 2720, registrado em cartório em 30/12/1947. Arquivo Histórico Regional. Caixa 71 Comarca de Soledade 1ª Vara, 1948.

<sup>7</sup> Idem.



Fonte: Jornal Diário da Manhã



Fonte: Jornal O Nacional



Fonte: Jornal O Nacional – 05/07/1947

No texto jornalístico publicado no jornal *O Nacional* é descrito: “Em Passo Fundo, a importante fábrica de bebidas, que muito honra o nosso parque industrial, está situada á Avenida Gal. Neto, 171”, ou seja, na zona urbana da cidade. Entretanto, o Plano Diretor de 1953 destacava a necessidade de uma reestruturação urbanística de cidade, afirmando

que a zona industrial deveria estar próxima da ferrovia, e não no centro da cidade, com o propósito de não limitar o desenvolvimento econômico da cidade.

Embora os Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 1953 e 1979 descrevessem rotas urbanísticas com grande potencial para a criação de uma área apropriada para expandir o setor industrial de Passo Fundo, a Cia. Cervejaria Brahma não foi contemplada com tal ação, pois o ciclo econômico da cidade entre 1950 e 1980 se baseava no transporte, na agricultura e na indústria, sobretudo através da produção de implementos agrícolas, seguida pela produção alimentícia, sem destaque para a bebida.

A questão aqui levantada em relação à localização da fábrica é importante para entendermos a dificuldade enfrentada pela empresa no simples fato de realizar o carregamento dos produtos em caminhões para a venda. Os relatos dos ex-funcionários descrevem vários problemas ocorridos:

“Na verdade dava até medo ver o caminhão sair, a gente pensava que ia tombar, pois para se chegar até a estrada era preciso dar umas voltas”  
“Com o tempo não era só a dificuldade com a saída dos caminhões, e sim com a reclamação dos vizinhos, quanto ao barulho da fábrica, o cheiro do esgoto...”.

O fato contraditório apresentado aqui é que o PDDU da cidade enfatizava que o crescimento econômico futuro seria a partir do transporte, o que nos remete ao passado histórico da cidade em relação ao “caminho dos tropeiros”, destacando-se pela condição rodoferroviária, que promoveria o desenvolvimento urbano industrial, tendo como base a produção agrícola<sup>8</sup>.

As dificuldades eram evidentes, mas a Cia. Cervejaria Brahma sempre movimentou a cidade: pagava os melhores salários, mantinha um refeitório adequado para os funcionários, investia em publicidade, presenteava as entidades e os funcionários com o famoso Chopp em épocas festivas e possuía, claro, um time de futebol que era o orgulho entre todas as filiais da Cia. Brahma no Brasil<sup>9</sup>. Conforme as publicações abaixo, pode-se notar que a empresa era prestigiada nos jornais locais.

---

<sup>8</sup> Exemplificado em DAL MORO *et al.* (orgs.) *Urbanização, Exclusão e Resistência Estudos Sobre o Processo de Urbanização na Região de Passo Fundo*. 1998.

<sup>9</sup> Relatos dos ex-funcionários, que em alguns casos eram contratados em primeiro lugar pelas suas habilidades futebolísticas. O time da filial Passo Fundo, ao viajar para disputar os jogos, conhecia as demais fábricas e percebia as diferenças infundáveis no espaço e no maquinário, sendo essas muito mais modernas que a indústria de Passo Fundo.





Fonte: Jornal *Diário da Tarde*



Fonte: Jornal *O Nacional*



Fonte: Jornal *O Nacional*



Fonte: Jornal *O Nacional*

A década de 1980 inaugurou a era da ecologia, e a Brahma, preocupada com o bem-estar do meio ambiente, instalou a sua estação de tratamento de despejos industriais, a primeira da região. Para mais, a mudança se estendeu aos funcionários, visto que a empresa implantou um moderno restaurante nas dependências da fábrica, tornando-se, também, uma das empresas pioneiras nesse tipo de benefício social na cidade (KNACK, 2013).

O início dos anos 1990 foi marcado pelas mudanças que sinalizavam melhores momentos para a economia, enunciada ao final do governo Sarney (1985-1990) enquanto reação à aprovação da Constituição Federal de 1988. Entretanto, o enxugamento do Estado ganhou maior vitalidade com o governo Fernando Collor de Mello (1990-1992),

posto que o Brasil precisava acabar com o principal problema econômico: a inflação. Também, deveria enfrentar a defasagem tecnológica da indústria, problema que o governo Collor combateu por meio da criação de uma nova moeda, da mudança de leis trabalhistas, da abertura do mercado nacional e da privatização de estatais, consubstanciadas no que ficou conhecido como Plano Collor.

A partir de então, a Cia. Cervejaria Brahma de Passo Fundo participou ativamente do processo de desenvolvimento da cidade. Ainda, para acompanhar a modernização nacional da economia da década de 1990, a empresa passou a produzir, para todo o Rio Grande do Sul, a cerveja SKOL, suspendendo a fabricação, após 45 anos, da tradicional Brahma Chopp, cuja produção foi absorvida pela filial Continental em Porto Alegre (RS) (FERREIRA, 2007).

Apesar das dificuldades, muitas transformações influenciaram o desenvolvimento econômico de Passo Fundo a partir da Cia. Cervejaria Brahma, principalmente no tocante à matriz da Cervejaria no Rio de Janeiro, pois foram esses movimentos que conceberam a trajetória da filial no Rio Grande do Sul. Em 1946, a empresa carioca alvoreçou o mercado ao se associar à Continental, de Porto Alegre, visto que a empresa já havia comprado parte da Cervejaria Serrana em Passo Fundo, e, em 1947, a adquiriu integralmente. Nos anos seguintes, a empresa continuou se expandindo além das fronteiras do Rio de Janeiro. Em 1960, comprou a Cia. Paulista de Cervejas Vienenses, transformando-a em filial Agudos; em 1962, inaugurou a filial Nordeste, em Cabo de Santo Agostinho (PE); e, finalmente, em 1980, a Brahma aumentou significativamente sua participação no mercado ao comprar a Skol/Caracu.

Entretanto, a expansão escondia problemas internos, apesar da marca forte, a empresa sofria pulverização de suas ações na bolsa e tardava na tomada de decisões. Essa combinação de fragilidade de gestão com uma marca forte chamou a atenção dos executivos do Banco Garantia, Jorge Paulo Lemann, Marcel Herrmann Telles e Carlos Alberto Sicupira, que já eram famosos por empreitadas bem-sucedidas. Assim, por US\$ 60 milhões, compraram a Cia. Cervejaria Brahma, tendo Marcel Herrmann Telles a incumbência de dirigir a nova empresa (PILAGLIO; LANDI, 2018).

As primeiras medidas tomadas foram demissões, cortes de gastos supérfluos e reescalamentos de funções. Convém destacar que poucos funcionários se adaptaram, pois não houve apenas mudanças na gestão da empresa, mas sim em toda a cultura organizacional. Ainda, as estratégias de negócios adotadas, como a modernização dos

parques fabris e a reestruturação organizacional e funcional para o aumento da rentabilidade, acarretaram redução da força de trabalho.

Em suma, as modificações ocorreram em todos os níveis, a saber: implantação de novos programas como Qualidade Total, metas individuais e departamentais (posteriormente setoriais), novo organograma funcional, gerenciamento utilizando itens de controle e verificação no processo, padronização nas tarefas e operações, implantação de novo sistema no gerenciamento e controle de custos por áreas, incentivos individuais (bônus), programas para contratação de novos profissionais sem vícios ou vínculos com a empresa, programa de desenvolvimento e aprimoramento de profissionais, contratação temporária e contínua de estagiários em todas as áreas, e terceirização de várias funções e/ou setores.

De acordo com o relato de ex-funcionários que atuaram nessa fase de aprimoramento e permaneceram na Cia. Cervejaria Brahma após o seu fechamento em Passo Fundo, sendo realocados em outras fábricas, percebemos que a implantação foi gradativa, iniciou-se de maneira mais intensa no Departamento Pessoal e culminou no Departamento Industrial.

Em Passo Fundo, as primeiras mudanças se deram a partir do recebimento de equipamentos de outras fábricas espalhadas pelo país. Ou seja, ao modernizarem o seu maquinário, enviavam as máquinas obsoletas para a filial passo-fundense, que a cada dia diminuía a sua produção. No entanto, a diminuição produtiva não ocasionava demissões diretas, e sim muitos desvios de funções, o que gerou, após o fechamento da filial, inúmeros processos trabalhistas.

Convém salientar que as demissões ocorriam, porém os funcionários mais antigos eram demitidos para se aposentarem. Na época, a empresa estava na contramão do que geralmente ocorria, porque a maioria dos seus funcionários antigos estavam na empresa numa média de 20 anos de trabalho, ou seja, já haviam passado pelo regime de estabilidade<sup>10</sup>. Em contrapartida, muitas empresas, para evitar o travamento na produtividade, não permitiam que seus empregados alcançassem o prazo de dez anos.

Afinal, no sistema de estabilidade, aos funcionários dispensados antes de completar dez anos era devida uma indenização, correspondente ao valor de um mês de salário para cada ano trabalhado, ao ultrapassar esses dez anos, para consolidar a garantia da estabilidade, o valor da indenização era o dobro. Esse não era o caso da Cia. Cervejaria

---

<sup>10</sup> Relato de ex-funcionários que foram demitidos durante esse processo e receberam a indenização.



Brahma, visto que cumpria suas obrigações e tratava de fazer provisões (insuficientes devido ao efeito inflacionário sobre a quantia a ser indenizada) para arcar com os pagamentos.

Já com o advento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), implementado em 1966 para compensar o fim da estabilidade, e obrigatório após a Constituição de 1988, as empresas poderiam manter os dois regimes. No caso da Cia. Cervejaria Brahma, isso impunha um passivo trabalhista incalculável, além de ser um empecilho à produtividade e à renovação do quadro de funcionários (PILAGLIO, LANDI, 2018). Conseqüentemente, muitos ex-funcionários da filial de Passo Fundo não compreenderam o impacto da demissão por receberem essa indenização, somente mais tarde notaram que fazia parte da estratégia de reestruturação. Nas palavras deles, “estavam matando a Brahma aqui em Passo Fundo aos poucos”.

Com a revitalização da Cia. Cervejaria Brahma, a concorrência com a Antarctica se tornou ainda mais acirrada, sobretudo nos anos 1990. No entanto, com o passar do tempo, o ambiente de negócios mudou, e a estratégia de digladiarem diariamente não atendia mais aos interesses das duas empresas. Nesse sentido, o impensável ocorreu dois anos após o fechamento da filial Passo Fundo: a fusão das duas empresas centenárias criou a maior empresa brasileira no setor de bebidas, a Ambev (ABDALLA, 2019; PILAGLIO, LANDI, 2018).

### **O apagar das luzes...**

O fechamento da filial da Cia. Cervejaria Brahma em Passo Fundo foi resultado de um plano estratégico maior envolvendo várias unidades. Dado que as unidades mais antigas (filial Rio de Janeiro, São Paulo, Hanseática, Continental e Passo Fundo), localizadas em centros urbanos, apresentavam maiores dificuldades e problemas operacionais. Em Passo Fundo, o principal problema provinha da movimentação de grandes veículos de transporte circulando nas ruas centrais, o que contribuía para o aumento do congestionamento nas vias urbanas de circulação. Nesse contexto, existia a necessidade de áreas internas maiores para os pátios de estacionamento dos veículos de transporte de matéria-prima e produto acabado.

Ainda, a emissão de gases (fumos) gerados pela queima de combustíveis fósseis nas caldeiras era outro problema, aliás uma característica dessas unidades era a grande chaminé de alvenaria. Na filial passo-fundense, devido à área disponível ser restrita, ampliações e/ou modernizações tornavam-se muito onerosas e quase impossíveis. Por

fim, o tempo de operação de certas áreas das unidades (engarrafamento, armazéns de garrafa e produtos) era restrito em função do ruído gerado pelos equipamentos e pela própria operação no processo. Sublinhamos que o problema era ainda mais grave no caso de Passo Fundo, pois a unidade era dividida em três blocos por duas vias públicas, ou seja, a necessidade de funcionários terem de circular entre os blocos no seu turno de trabalho retardava as operações<sup>11</sup>.

Além disso, é necessário levar em consideração a questão tributária como um fator importante na tomada de decisão, dado que cada estado possui uma composição da carga tributária com valores diferentes. Portanto, construir uma nova unidade acarreta vantagens imensas, haja vista que existe um incentivo fiscal por parte do estado e do município para a implantação, visando tornar o investimento mais atraente para o investidor através de isenção parcial ou total, por um período, de alguns impostos.

Sendo assim, a introdução de uma unidade em Lages (SC) e outra em Viamão (RS), com capacidade para atender em curto e médio prazo as áreas anteriormente atendidas pelas filiais Passo Fundo e Continental em Porto Alegre, culminou no fechamento de ambas<sup>12</sup>. A construção dessas novas unidades levou em consideração o aumento da demanda natural do produto, bem como as condições ideais para futuras ampliações (módulos).

### **Após o fechamento, a nostalgia da chaminé**

Mas afinal, o que é a metáfora da Nostalgia da Chaminé? Frequentemente as críticas à metáfora são vagas, iniciamos mapeando o que podemos olhar como exemplos dessa tendência. Tentamos resumir os mais variados estudos projetados para públicos diferentes. Alguns são acadêmicos, outros são concebidos como história local, regional ou mesmo industrial, enquanto outros são claramente livros de belas-artes que objetivam desenhar os assuntos industriais (HIGH, DAVID 2007; STRANGLEMAN, 2013; CLARKE, 2015). Relacionadas ao último tipo, estão aquelas por e para o movimento do explorador urbano.

Em sua pesquisa na fábrica francesa Moulinex e através de depoimentos das ex-operárias, Clarke (2015) elucida a maneira como elas lidaram com o fechamento da empresa. Assim, entre lembranças boas e ruins do trabalho e manifestações para se manterem unidas não só como forma de interação, mas para juntas reivindicarem direitos,

---

<sup>11</sup> Relatos de ex-funcionários.

<sup>12</sup> Idem.

ainda que posteriores<sup>13</sup>, surge a nostalgia da indústria que desempenhou um papel na construção da nova forma de ativismo social (BOYM, 1995; COWIE, 1999).

Nos depoimentos dos ex-funcionários da Brahma também surge justificativas para o fechamento da fábrica, como a modernização da indústria, a necessidade de mudanças que dinamizassem a economia local, descrevendo nas palavras, como um luto e como parte de um inevitável movimento histórico, longe de uma velha economia que serviu para acelerar o processo de desindustrialização (FRITZSCHE, 2001; STRANGLEMAN, 2013; CLARKE, 2015).

O fechamento da fábrica da Cervejaria Brahma é descrito pelos ex-funcionários como uma morte lenta, pois foram sendo realizadas alterações ao longo da década de 1990, como diminuição de mão de obra e mecanização da estrutura fabril, embora eles só se deram conta após o fechamento. Nos relatos, afirmam que ficaram surpresos com o fechamento abrupto sem aviso, dizem ter sido “fechada da noite pro dia” .

Vale ressaltar que foi realizado um grande movimento por parte dos ex-funcionários, sindicato e gestão pública, por meio de vereadores e deputados, para que a fábrica fosse reaberta. Entretanto as manifestações foram em vão, a decisão já estava tomada, e o que restou foi uma estrutura no centro da cidade que ocupava quatro quadras da área urbana. Além, é claro, de uma chaminé enorme, avistada de longe, para que nenhum cidadão esquecesse da existência Brahma.

Nesse contexto, foi iniciado o processo de patrimonialização da fábrica. O projeto de lei apresentado destacava a importância do tombamento, reforçando as experiências ligadas ao progresso, industrialização e poder econômico do início do século XX. A justificativa revelava o interesse na memória que se queria preservar, descrita pelo autor, o vereador Sebastião F. Ribeiro:

Do ponto de vista histórico, registros do início do século, mostram que naquele local, é lógico, de forma artesanal, já funcionava uma cervejaria. Para o nobilíssimo historiador passo-fundense, Ney Eduardo Possap d’Avila, em 1902 estava em pleno funcionamento a cervejaria do “seu” Cora. É desta época que se tem notícia do nascimento da industrialização em Passo Fundo. trata-se da história viva de Passo Fundo, que cresceu, desenvolveu-se, transformou-se sempre com a definitiva participação daquela indústria, inicialmente a cervejaria do “seu” Cora, depois Bade, Barbieux & Cia. e finalmente a Brahma<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup>Como parte da pesquisa já realizada para a tese de doutoramento sobre a Cia. Cervejaria Brahma, destacamos que nos 537 processos judiciais que foram utilizados como fontes, encontramos 351 processos abertos após o fechamento da fábrica, que buscavam reparação de direitos trabalhistas. A empresa manteve 7 funcionários do setor administrativo trabalhando com pendências financeiras e judiciais até o ano de 2005.

<sup>14</sup> Processo n. 414/97. Data 14/08/1997. (Câmara de Vereadores de Passo Fundo.)

Conforme Knack (2013, p. 24),

a intenção do projeto é para manter uma memória referente ao progresso e à industrialização do município, colocando em segundo plano o trabalho dos operários que faziam funcionar a fábrica. Ainda memoriam as transações comerciais e industriais que envolvem o patrimônio, a iniciativa de Jorge Barbieux, o fundador da cervejaria, as negociações que levaram a compra da cervejaria pela Brahma em 1947, mas não foi feita referência aos operários que a habitaram a região e prepararam a cerveja que essas companhias vendiam.

Paralelamente, o projeto tramitou com muitas manifestações para o não tombamento, mas a pressão de empresas privadas durou até 1999. Por fim apenas foi possível tomba-lo como patrimônio do município a chaminé da fábrica<sup>15</sup>.

Os jornais locais publicaram textos com depoimentos sobre o fechamento da fábrica, bem como editoriais de jornalistas e historiadores.



Fonte: Jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional*

A repetição da nostalgia da chaminé é destacada nas palavras: saudade, tristeza, na época, lamentamos; perdas, encerramento; lacuna na memória da cidade.

A mesma linha textual se repetiu por três meses após o fechamento da Cervejaria Brahma, com pautas desde a possibilidade de reverter o acontecimento até a possível irrecuperabilidade da economia da cidade em razão da saída da fábrica.

<sup>15</sup> Lei n. 3275 de 16 de dezembro de 1997.



Através das imagens abaixo, podemos verificar como os jornais abordaram as consequências do fechamento, descritas como a desindustrialização da cidade, gerando no leitor a nostalgia da chaminé.



Fonte: Jornal Diário da Manhã, de 09/05/1997



Fonte: Jornal O Nacional, de 17 e 18/05/1997



Esta configuração do texto incide os efeitos da desindustrialização sobre o leitor: tanto quanto demissões generalizadas minaram as funções e contribuições econômicas da classe trabalhadora ao município, a falta de “lealdade” da empresa em fechar a fábrica em benefício próprio (reduzir impostos) também demonstrou o impacto na economia.

Nesse viés, o jornal *Diário da Manhã* publicou nos cadernos de Economia e Geral duas notícias que induziram o leitor a associar causas diretas para o fechamento da fábrica: primeiro, a Lei Complementar n. 87/1996, conhecida como Lei Kandir, que previa a isenção do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre as exportações de produtos primários, como itens agrícolas, semielaborados ou serviços, foi aprovada 18 meses antes do fechamento da Brahma; segundo, a notícia sobre o atual momento do município com a queda do ICMS.



Fonte: Jornal *Diário da Manhã*

Já os textos abaixo continuaram explanando o acontecido, bem como revelaram como a sociedade estava reagindo, com a entrevista do presidente do Sindicato, Miguel Luís dos Santos e do vereador Luciano Azevedo.



Fonte: Jornal *O Nacional*

Ao mesmo tempo em que os jornais traziam os fatos que estavam ocorrendo e/ou iriam impactar futuramente, como a capa do jornal *Diário da Manhã*, destacavam que a área da fábrica poderia abrigar um novo negócio para gerar novos empregos. Já em outra página, questionava-se o projeto do vereador Sebastião F. Ribeiro, que trabalhava a preservação do prédio como patrimônio histórico, para manter a memória dos trabalhadores e do próprio trabalho que fomentou a economia da cidade.



Fonte: Jornal *Diário da Manhã*

Para fechar as ilustrações, as capas dos jornais noticiaram a demolição da fábrica, o que tornou real o fim de uma estrutura que representava a memória daquele trabalho, a morte, assim descrita nos textos internos, retratando um último suspiro da nostalgia da chaminé. No caso da Brahma, a única estrutura que ficou foi justamente a chaminé da fábrica, tombada como patrimônio do município, após longos anos de tramitação do projeto entre os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário.



Fonte: Jornal *Diário da Manhã*, de 13/09/1997



Fonte: Jornal *O Nacional*, de 13 e 14/09/1997

Alguns ex-funcionários guardam objetos, como copos, garrafas personalizadas e quadros produzidos para brindes em festas comemorativas durante a existência da fábrica, como uma lembrança dos anos mais felizes de suas vidas, posto que eram reconhecidos na cidade por trabalharem na Brahma e se sentiam parte da sociedade pelo trabalho que exerciam, independentemente da função<sup>16</sup>.

Segundo Strangleman (2013), os trabalhadores que têm lembranças da vida profissional, bem como o impulso de preservar lembranças físicas de seu passado industrial podem ser vistos nos fenômenos de comunidades, como as dos campos de carvão no Reino Unido, os ex-operários, querendo marcar a passagem de uma indústria guardaram antigas rodas de poço e lâmpadas usadas para iluminar os túneis de mineração.

Ainda, justificam a conservação desses objetos para mostrá-los aos filhos e netos que nasceram após a desindustrialização, enfatizando a importância desse entendimento que o ex-operário desempenhou no passado para a construção do presente (EMERY, 2019; HIGH, DAVID, 2007).

A cidade de Passo Fundo, com o fechamento da Cia. Cervejaria Brahma, foi impactada fortemente na economia local, arrecadação de impostos e concentração de renda da população. Conforme pesquisadores da área econômica, quando se amplia o conceito “clássico” de desindustrialização é possível encontrar uma situação na qual tanto o emprego industrial como o valor adicionado da indústria se reduzem como proporção do emprego total e do PIB, respectivamente. Ou seja, uma economia não se

<sup>16</sup> Objetos e fotografias mostrados durante as entrevistas realizadas.

desindustrializa quando a produção industrial está estagnada ou em queda, mas quando o setor industrial perde importância como fonte geradora de empregos e/ou de valor adicionado para uma determinada economia (OREIRO, FEIJÓ, 2010; SCHROEDER, R.; BRÜGGER, 2017).

A desindustrialização ocorrida no caso da Cia. Cervejaria Brahma, filial Passo Fundo (RS), mostra a nostalgia da chaminé dos ex-funcionários não só como a melhor lembrança do passado, mas como o ensejo em que se moldaram após perderem seus empregos e, conseqüentemente, construíram seu presente.

Agradecimento: A todos os ex-funcionários, residentes e não residentes na cidade de Passo Fundo (RS), e demais pessoas ligadas de alguma forma à Cia. Cervejaria Brahma, que gentilmente, durante vários meses de 2020 e 2021, aceitaram falar comigo em suas casas, por telefone e redes sociais. E em especial: Alcides José Lovison, Jose Luiz Loch e Mariane Loch, Carlos Zimmermann, Cláudio Luis e Elisabete Algarve, Carlito Bina, Flávio Schneider, Prof. Paulo Fernando de Oliveira, Nicolau Neri Gomes, Odilon Cardozo Borges e Silvio Carrão.

## Referências

ABDALLAH, A.; *De um gole só – A história da AMBEV e a criação da maior cervejaria do mundo*. São Paulo: Portfolia-Penguin, 2019

BOYM, S. The Future of Nostalgia, p. xiv. The critical potential of nostalgia is also highlighted in Stuart Tannock, 'Nostalgia Critique', *Cultural Studies* 9: 3 1995

CLARKE, J. Closing Time: Deindustrialization and Nostalgia in Contemporary France, *History Workshop Journal* 79, 1, 2015.

COWIE, J. *Capital Moves: RCA's Seventy-Year Quest for Cheap Labor*. Copyright Cornell University Press 1999.

DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1947- 1997. Arquivo Histórico Regional e Instituto Histórico de Passo Fundo.

DIÁRIO DA TARDE. Passo Fundo: Diário da Tarde, 1947. Arquivo Histórico Regional

FERREIRA, E. S.; *Cervejaria Serrana, Continental e Brahma*. In: 150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo. Org. Osvaldo Lech. Passo Fundo: Méritos, p. 148-150, 2007.

FRITZSCHE, P. 'Specters of History: Of Nostalgia, Exile and Modernity', *American Historical Review* 107: 5, December 2001

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Questões sobre o patrimônio histórico de Passo Fundo/RS: 1990-2002*. Mouseion, n.14, abr, 2013, p. 21-36.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO NO CENTENÁRIO DE PASSO FUNDO/RS – 1957. *História: Questões & Debates*, [S.l.], v. 64, n. 1, jul. 2016

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *O discurso da industrialização, a urbanização e o imaginário progressista em Passo Fundo entre 1950 e 1980*. In: VANIN, A.A; CARVALHO, D.V; DINIZ, P.H.C. (Org.). *Passo Fundo: estudos históricos: espaços e urbanização*, volume III. 1ed. Passo Fundo: Acervus Editora, 2021, v. III, p. 69-94.

OREIRO, J. L.; FEIJÓ, C.; *Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro*. *Revista de Economia Política*, vol. 30, n.2, 2010

O NACIONAL. *Passo Fundo: O Nacional, 1947 – 1997*. Arquivo Histórico Regional e Instituto Histórico de Passo Fundo.

PILAGLIO, O.; LANDI, A.; *De duas uma: a fusão na mesa*. São Paulo: Bella Editora. 2018.

PDDU- Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano - 1953 e 1979. Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Arquivo Histórico Regional.

STRANGLEMAN, T. “Smokestack Nostalgia”, “Ruin Porn”, or Working-Class Obituary: The Role and Meaning of Deindustrial Representation. *International Labor and Working Class History*, 84, 2013.

SCHROEDER, R.; BRÜGGER, N. *The Web as History. Using Web Archives to Understand the Past and the Present*. UCL Press: London, 2017